

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA RELIGIOSA, POLITICA E NOTICIOSA.

REDACTORES—D. Miguel Sotto-Mayor e Dr. Custodio Velloso.—DIRECTOR—Antonio Joaquim de Mesquita Pimentel.

7.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA	
	Braga, 12 mezes.	1\$600
	„ 6 „	850
	Correspondencias partic. cada linha	10
	Annuncios cada linha.	20
	Repetição	10

PUBLICA-SE
AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
Provincias, 12 mezes.	2\$000
„ 6 „	1\$050
„ sendo duas assignaturas	3\$600
Brazil, 12 mezes, moeda forte.	3\$600
Folha avulso	10

N.º 946

BRAGA

QUINTA-FEIRA 12 DE JUNHO DE 1879

13 DE JUNHO.

I

E' grande uma nação pela grandeza e pelos feitos de seus filhos.

A gloria dos homens illustres d'um reino toda se converte em gloria e fama, mórmente quando os loiros de suas fronte venerandas nos não apparecem manchados pela sanguinolenta nodosa das luctas civis dos povos, e quando aquellas vidas honradas foram gastas em accrescentar o nome e esplendor da patria que lhes deu o berço, em a engradecerem com as excelsas virtudes que lhes ornaram o caracter.

O seculo XII foi fecundo em homens d'esta tèmpera. Compulsae a historia de esses tempos, mais felizes que os modernos, e alli encontraremos os nomes respeitaveis de *Raymundo Viegas Portocarrero*, *Fernando Rodrigues Pacheco*, *Martim de Freitas*, e muitos outros que por brevidade não mencionamos.

Folheando mais esses preciosos pergaminhos, ahi depararemos com os nomes veneraveis de *Francisco d'Assis*, de *Domingos de Gusmão*, de *Pedro Nolasco*, de *Raymundo de Penafort*, de *Alberto Magno*, de *Boaventura*, de *Thomaz d'Aquino*, e outros.

Foi n'este feliz seculo que viu a luz do dia o nosso Thaumaturgo *Santo Antonio*.

II

Quem ha 600 annos, entrasse na Sé Patriarchal, por força attentaria n'uma creança que alli se entregava ao serviço dos altares, e que era o enlevo de todos, pela formozura do rosto, pela rara penetração do espirito, pela doçura do genio e pela piedade, já viva e ardente.

Eram seus paes *Martins Bulhão* e *D. Maria Taveira*, ambos nobres, mas ainda mais nobres pelas virtudes que possuíam.

Não podendo elles vigiar como queriam a educação do caro thesouro que o ceu lhes confiara, entregaram-no ao zelo do ca-

bido da patriarchal, por ficar vizinha á casa em que moravam.

Ninguém se approximava de *Fernando*, (tal foi o primeiro nome d'*Antonio*), que não ficasse admirado da precocidade d'aquelle talento, e edificado diante d'aquelle innocencia de serafim, d'aquelle santidade que o assimilava a *Jesus-menino*.

Aquelle innocencia, aquella modestia, sentia-se offendida quando o cercavam de lisonjas, do lustre de seu nascimento e dos merecimentos proprios. Resolveu por isso abandonar o mundo.

Mas, abandonar o mundo, quando a vida, se lhe antolhava envolvida em mil felicidades, quando tudo lhe sorria e permitia um risinho futuro! que lucta não deve haver no coração humano! O que não soffreria *Antonio*!

Eil-o, apenas de quinze annos, deixando saudoso e entre lagrimas o lar paterno, os braços de paes adorados e os virtuosos sacerdotes que lhe foram mestres.

Alegre e contente foi procurar o ideal de seus projectos entre os religiosos de *S. Vicente de Fóra*. Que arrebatamentos e que eccos de patriotismo não despertariam n'aquelle alma grande e generosa as abobadas magnificas d'aquelle templo, que recordava a tomada de Lisboa e a piedade do heroe d'Ourique, o inclito *Afonso Henriques*!

Mas conhecendo *Fernando*, que alli ainda não estava socegado o seu espirito, pela continua visita de seus parentes e amigos, resolve abandonar *S. Vicente de Fóra*, e lá vae caminho de *Santa Cruz de Coimbra*. Chegado alli, encontra novos obstaculos: o mundo parecia querer tyrannizar-o, mas aquelle ente privilegiado, conhecendo que era preciso procurar uma regra mais austera ainda, para mais e mais fugir ao primeiro inimigo da alma, foi procurar asylo no convento *Franciscano dos Olivaeas*, extra-muros de *Coimbra*.

Foi então que trocou o nome de *Fernando* pelo de *Antonio*.

Eram apenas passados alguns dias depois da sua entrada n'aquelle convento, quando uma manhã, accordando, ficou espantado do que ouvia.

De todas as torres da velha *Coimbra*,

os bronzes enviavam ao longe os sons mais alegres e festivos, e multidões immensas de povo de todas as camadas sociais, enchendo, pressurosas, as ruas e as praças, levantam hosannas do maior jubilo.

Acabam de chegar áquelle cidade, as reliquias dos cinco Martyres de Marrocos.

Estes cinco santos companheiros tinham dado ao seu Deus e á sua fé a maxima prova do seu amor, morrendo por Elle.

Antonio, que não tem menos amor, tambem quer ser martyr, e por isso desde logo quer partir para Marrocos.

Eil-o a caminho d'Africa. Mas Deus não o deixou aportar alli, porque o destinava para uma grande missão—a de evangelisar os povos.

Eil-o em Italia, primeiro, despresado e depois exaltado; regendo com notavel sabedoria as cadeiras de theologia e philosophia em *Tolosa*, *Montpellier*, *Bolonha* e *Padua*.

O que ia nos corações dos moços estudantes quando ouviam aquella voz angelica de *Antonio*, explicando as verdades da religião catholica apostolica romana?

De cada discipulo, *Antonio* fazia um imitador.

Aquelle grande voz não podia caber nos recintos das mais espaçosas academias, vae, levada nas auras celestes, espalhar-se eloquentissima, pelos campos, cidades, villas e aldeias. Tudo corre a ouvir o novo missionario, tremendo para castigar o vicio, brando para chamar ao arrependimento o peccador.

Aquelle mancebo, de compleição franzina, tem força para derrubar gigantes;—ouza encontrar o fero *Excelino*, comandante das forças imperiaes, o qual faz retrogradar, para não deixar em ruinas a sua querida *Padua*.

Mas, ah! os assíduos trabalhos, a sua vida mortificada e a sua continua pregação, lhe foram minando a existencia, ou antes, os anjos seus irmãos não podiam mais passar sem elle.

Assim, no dia 13 de junho de 1237, deixou de existir a maior gloria de Portugal, n'uma palavra, voou para o ceu a alma do nosso querido patricio *Santo Antonio*...

Mas guardem-se para outro dia os

cantos tristes e as recordações lamentosas.

III

Quem ha que não tenha bem viva na imaginação, entre recordações da meninice, uma lembrança saudosa da noute e dia de *Santo Antonio*? Noute de suave alegria, festejada no campo e na cidade, no palacio e na choupana, por velhos e mancebos; noute de folias, em que a donzella sustendo a custo a agua presa pelos labios, aguarda silenciosa ouvir o nome do que hade ser seu esposo, ou queimando a espinhosa alcachofra anela que alvoreça a manhã, para conhecer pelo florir ou seccar d'uma flor se a Deus apraz, ou não, conceder-lhe por marido o eleito do seu coração. Noute de doce entusiasmo em que os moços galhofeiros, ao som de cantares alegres saltam a fogueira, que debalde alteia as chamas, para os contrariar ou tornando a praça publica em salão de «soirée» fazem resoar musica singela, danças populares, e engraçadas lóas.

Tudo á porfia festeja *Antonio* de Lisboa.

Salve! meu santo predilecto!

E porque te amo eu tanto?

E' porque fui educado na mesma terra, em que viste a luz do dia, é que respirei o mesmo ar que tu respiraste, bebi da mesma agua que tu bebeste, porque as tuas festas foram os meus primeiros brinquedos d'infancia, e porque desde a infancia aprendi a balbuciar o teu encantador e santo nome.

J. M. R. Valente.

Portugal antigo e moderno.

Recebemos o fasciculo n.º 137 do *Portugal antigo e moderno*,—vastissimo e valiosissimo repositório de quanto ha que offereça interesse e curiosidade em todas as cidades, villas, freguezias e grande numero de aldeias de Portugal, e de eruditas noticias de muitas cidades e outras povoações da Lusitania, de que apenas restam vestigios ou sómente a tradição.

Continúa as letras SAL, e comprehendendo as folhas 22 e 23 do volume VIII.

24

FOLHETIM

O CAPITÃO ANGELO

ROMANCE ORIGINAL

POR

J. B. da Silva Ramos.

OFFERECIDO E DEDICADO A' EXC.^{ma} SNR.^a

D. Antonia Augusta T. de Vasconcellos,

DA CASA DE MARBON, EM CELORICO DE BASTO.

X

A esta segunda pergunta já o bom do padre tinha reconhecido *Alvaro*; e lançando-se-lhe nos braços exclamou:

—Oh! meu filho! como é que ainda nos tornamos a vêr?...

Era este padre frei Domingos da Paixão, seu antigo confessor.

Depois de dar expansão ás saudades, quiz *Alvaro* acompanhar o frade a casa, e entrou com elle no quarto em que vivia.

Era n'um segundo andar d'uma casa estreita e escura, voltado para o lado da Falperra, no largo de Nossa Senhora Branca.

—Desculpe, meu Angelo—disse o frade—a pobreza do aposento, em que tenho o gosto de o receber. Na minha cella não haveria mais riqueza, mas havia mais aceio e commodidade. Lá—e deu um grande suspiro—podia eu offerecer-lhe alguma cousa, ao menos uma cadeira, em que se assentasse, hoje tenho apenas aquelle incommodo banco, para offerecer-lhe!... Então matavamos nós a fome e soccorriamos os miseraveis; hoje, por nossos peccados, estamos expostos a morrer de fome e de miseria! *Sic placuit Domino*...

E duas grossas lagrimas correram até a barba, pelas faces rugosas do venerando ancião.

Alvaro conservava-se triste e silencioso, e bem se via que sua alma era combatida de pensamentos dolorosos, e talvez de remorsos.

—Pois, meu Angelo—continuou o ancião—eis aqui a miseria, a que eu, e muitos de meus companheiros, estamos reduzidos. E, diga-se a verdade, não foi só a criminosa cubiga que levou esta gente a expulsar-nos de nossos mosteiros; foi, talvez mais, a impiedade, o odio a Deus—deixe-me assim dizer—que a incitou a tão barbara e impolitica medida. Não creio tambem que a guerra fratricida que terminou em *Evora-Monte*, tivesse por causa direitos dynasticos; estes foram apenas um meio, os fins vamol-os vendo, e melhor ainda os ve-

remos passados alguns annos mais. Tempo virá em que, arremessando a mascara, proscreverão da terra a Deus, e matarão os reis.

—Se segui a causa liberal não foi por convicções politicas, mas sim por certas circumstancias que se deram, e principalmente por vocação—disse *Alvaro* profundamente magoado.

E a sua consternação era tanto maior, quanto mais considerava a miseria e pobreza do quarto do seu antigo confessor. Era este de tabique, bastante defumado, pouco espaçoso, e com uma pequena janella, sem vidraça, que dava sobre o quintal. Por moveis tinha uma má enxerga, coberta com uma manta, repousando sobre bancos de pinho. Ao lado, uma meza negra e carunchosa da mesma madeira; sobre ella os breviarios, e no meio, pendurado na parede, resguardado por um docel de papel um *Santo Christo* de latão; ao lado uma banca de tres pernas, e pendurado d'um prego, junto da cama, um pequeno sacco de chita desbotada.

Alvaro e o frade permaneceram por muito tempo mudos e quedos, como que opprimidos por dolorosas e tristes ideias. Afinal, como se apparecesse uma luz do ceo, uma aurora de felicidade na mente de *Alvaro*, exclamou este com jubilo:

—E' verdade, meu bom amigo; mas eu posso arrancar-o d'esta miseria. Venha para minha casa, será o capellão da minha familia e gosará dias de paz e de ventura.

—Capellão de sua familia! Pois não me disse que ignorava quem eram seus paes?!

—Um favor da Divina Providencia me descubriu os auctores de meus dias; eu lhe conto. E contou tudo o que o leitor já sabe.

—Bemdito seja o Deus de toda a bondade e misericordia!—exclamou o frade com as mãos erguidas e os olhos no ceo.—Aceito sim, accepto o offerecimento que me faz.

—Eu marcho amanhã para minha casa, snr. frei Domingos; poder-me-ha acompanhar?

—Porque não?...

—E os moveis?...

—Bem os vê: possuo apenas aquella manta, os breviarios, aquelle *Christo*, e duas camisas sujas n'aquelle sacca. Devo porém dois cruzados novos á minha senhoria, se m'os adiantasse...

—Aqui os tem. Desde já é meu commensal; vamos.

—A manta vou dal-a a um pobre... Bemdito seja Deus que já posso dar uma esmola.

E frei Domingos viveu ainda muitos annos no centro d'esta boa e nobre familia da casa da Torre, onde morreu de mais de 90 annos em cheiro de santidade.

FIM.

Do artigo *Salvaterra de Magos* copia-
mos o trecho seguinte, intitulado

MORTE DO 1.º MARQUEZ DE LOULÉ

Na noite de 28 para 29 de fevereiro de 1824, deu-se em Salvaterra um facto naturalissimo, que os liberaes aproveitaram alancos, para desacreditar o snr. D. Miguel I—então infante—e, como lhes foi impossivel convencer o publico, conseguiram, pelos meios mais torpes, tornar o caso obscuro, para que a calumnia não fosse completamente destruida.

Na referida noite, houve um ensaio, no theatro do paço real, ao qual assistiram muitas pessoas da corte, e entre ellas, o marquez de Loulé, que se retirou antes de terminar o ensaio.

O edificio do palacio, já então principiava a arruinar-se. O marquez, tomou por um corredor que não estava illuminado, e foi a uma antiga porta que foi construida para dar entrada a uma sala que já não existia, e estava transformada em saguão, e, por conseguinte, a porta estava servindo de janella, rasgada.

O marquez, ou por conhecer pouco esta parte do edificio, ou (o mais provavel) por esquecimento, foi andando, e, como a janella não tinha grades, cahiu sobre uma pilha de entulho, que estava no saguão, e morreu da queda.

Quando na manhã de 29 (1) appareceu o cadaver do marquez, ninguem se lembrou de que fosse assassinado por ordem do snr. D. Miguel; mas é certo que, como Loulé se tinha posto ao serviço de Buonaparte, contra Portugal, desde 1807 até 1815 (2) e ainda tinha por isso alguns inimigos, e bastantes pessoas de boa fé, attribuiram a morte a vingança de algum patriota exaltado, chegando mesmo a dizer-se que o marquez foi *abafado com uma manta de campino, para não gritar, e ferido com uma choupa, que entrado pelo ceu da bocca, lhe sahio pela nuca!* (3)

O integerrimo magistrado, doutor Torres, corregedor da comarca, procedeu logo a auto de exame e corpo de delicto, no cadaver, e os dous cirurgiões, e as testemunhas do auto, declararam n'elle, que o marquez não tinha o mais leve signal de ferimento ou contusão.

Mas o ministro da justiça, Lacerda, inimigo implacavel do snr. D. Miguel, queria por força attribuir a um crime, a morte do marquez, e imputa-a ao principe.

Chamou o corregedor e exigiu que elle substituísse o auto de corpo de delicto, por outro dictado por elle, e com as testemunhas indicadas por Lacerda; mas o honrado corregedor, recusou-se obstinadamente a tão grande infamia.

Lacerda, para que o facto ficasse pelo menos duvidoso, sumiu o auto, que nunca mais appareceu.

Os inimigos do snr. D. Miguel I, não se contentando em exagerar-lhe os defeitos, lhe tem assacado todas as especies de calumnias, mas ainda nenhum se lembrou—que me conste—de o chamar hypocrita ou desleal; portanto, se o snr. D. Miguel tivesse parte directa ou indirecta, na morte do marquez, não continuaria conservando na sua intimidade os

(1) Sempre será bom notar aos meus leitores, que o anno de 1824 foi bissexto.

(2) D. Agostinho Domingos José de Mendonça, marquez de Loulé, e pae do 1.º duque do mesmo titulo, foi condemnado á morte, e exautorado de todos os seus titulos, honras e privilegios, por traidor á patria, por sentença de 11 de novembro de 1811, sendo o seu maior crime, vir em 1810 contra Portugal, no exercito de Massena.

O marquez, tinha muitos parentes e amigos, na corte de D. João VI. Este monarcha estava muito indignado contra o marquez, porém os amigos d'este, conhecendo o caracter bondoso do soberano, o induziram a um passeio, pelos arredores do Rio de Janeiro, e, tendo preparado uma emboscada, d'ella sahio Loulé, que, ajoelhando aos pés de D. João VI, com as lagrimas nos olhos, lhe pediu perdão. O rei, não só lhe perdoou e lhe restituiu todas as honras e titulos, mas até o fez seu camarista e valido.

(3) Então se não queriam que elle gritasse, e o tinham *abafado* com uma manta, como lhe atinaram com a bocca, para lhe dar a *choupada*, e como é que elle se pôz a *geito*, com a bocca aberta (e sem gritar!) para o ferirem alli?—Que disparatel

filhos d'elle: nem os filhos, que eram uns perfeitos homens de bem, continuariam a ser amigos do assassino de seu pae.

Ainda mais, o snr. D. Miguel, foi sempre verdadeiro amigo do marquez, que nunca lhe deu o mais leve motivo de desagrado; continuou a ser o inseparavel companheiro de seus filhos, e esta afeição durou até aos ultimos momentos do snr. D. Miguel.

Foi ainda este principe, que, no dia seguinte ao da morte do marquez, apresentou ao rei seu pae, o filho primogenito d'aquelle (4), (D. Nuno José Severo de Mendonça Rôlim de Moura Barreto, desde então 2.º marquez de Loulé, 9.º conde de Valle de Reis etc., etc.) e D. José Maria de Mendonça, filho natural do 1.º marquez de Loulé, e de madame Bruni.

Levou-os para a sua companhia, e toda a gente de Lisboa viu os tres, passearem de trem ou a cavallo, como intimos amigos.

Quando as intrigas palacianas obrigaram D. João VI a mandar viajar o snr. D. Miguel, com a obrigação de fixar a sua residencia em Vienna d'Austria, para onde embarcou a 9 de maio do mesmo anno de 1824, um dos camaristas que o principe escolheu, foi o referido D. José Maria de Mendonça.

Nem o 1.º duque de Loulé, nem um só de seus filhos se lembraram jámais de attribuir ao snr. D. Miguel a morte do marquez, e foram sempre dos que mais concorreram com avultados subsidios, para a sustentação do snr. D. Miguel, depois que a *quadrupla alliança* o obrigou a deixar o throno e a patria.

Vemos hoje o nobilissimo conde de Azambuja e sua virtuosa esposa, assistirem ás festas de familia, de seu primo germano, o snr. D. Miguel I, e serem dedicados amigos d'este principe, o que muito os honra, tratando-os com a familiaridade e franqueza, propria de pessoas da sua familia.

Sendo, como incontestavelmente são, todos os filhos do 1.º duque de Loulé, cavalheiros da mais rigorosa delicadeza, em pontos de honra, a sua amizade sincera e leal ao principe proscripto, é, quanto a mim, uma prova irrefragavel de que o 1.º marquez de Loulé morreu de um desastre, e não de morte violenta.

Argumentam os liberaes com o decreto de 24 de junho de 1823, assignado por D. João VI, no qual, entre outras culpas imaginarias, assacadas ao snr. D. Miguel, vem tambem a *historia* do assassinato do marquez de Loulé; mas todos sabem que o rei, cercado de inimigos de seu filho segundo, sem o ter a seu lado, para o proteger, e, de mais a mais, de animo extremamente indeciso e pusilanime, o que queria era que os seus ministros o deixassem em paz, e assignava quanto elles quizessem (e isto, suppondo que a assignatura do monarcha fosse verdadeira).

Tambem elle tinha assignado o decreto de 30 de maio de 1823, que accusava o snr. D. Miguel de rebelde e inimigo do rei, e logo em junho, por outro decreto, faz os maiores elogios á sua dedicação e fidelidade, e o nomeia commandante em chefe do exercito.

Note-se que o snr. D. Miguel II, tem tratado os filhos do 1.º duque de Loulé, com todas as atenções e preferencias, como seus proximos parentes, e que, nem o snr. D. Pedro, quando regente, nem sua filha, nem seus netos, quizeram reconhecer o casamento d'aquelle fidalgo, com a infanta D. Anna de Jesus Maria, apesar das instancias feitas pelo duque, e dos serviços que sempre prestou á causa liberal.

Ninguem póde alcunhar de suspeito, o doutor A. da Silva Gaió, pois que é inimigo implacavel do snr. D. Miguel I; e, apesar d'isso, no seu *Mário* (tomo 2.º pag. 166 e seguintes, da 2.ª edição) depois de *pesar* todos os argumentos pró e contra, termina assim a narração da morte do marquez de Loulé.

Posso dizer, com socêgo de consciencia, que estou convencido de que o infante (o snr. D. Miguel I) o não mandou perpetrar. (O assassinato do marquez).

(4) Que depois foi 1.º duque de Loulé, e casou no 1.º de dezembro de 1827, com a infanta D. Anna de Jesus Maria, filha de D. João VI, e da rainha D. Carlota Joaquina, assistindo esta senhora ao casamento.

GAZETILHA

Ilustre enfermo.—Tem continuado muito incomodado e abatido o Exc.º e Rev.º Sr. Arcebispo Primaz.

S. Exc.ª Revm.ª foi pela medicina aconselhado a mudar do seu palacio.

Sentimos profundamente a pertinaz doença de S. Exc.ª Revm.ª e fazemos sinceros e ardentes votos pelo restabelecimento do venerando Prelado.

A todos os fieis pelimos que orem tambem a Deus para que Elle restitua a saude ao preclaro e virtuosissimo Antistite da Igreja bracarense.

Chronica religiosa.—Hoje:—Exposição do Santissimo na Misericordia, e no Bom Jesus do Monte.

Visita Pastoral de S. Exc.ª Revm. o Senhor Arcebispo Primaz.—Interrompemos por alguns numeros a noticia que sobre esta visita andavamos publicando, mas dentro em pouco a concluiremos.

Santo Antonio.—Ha ámanhã na sua capella da Praça Municipal a festa do nosso popular Santo Antonio.

A noite d'hoje é a das *fogueirinhas*. Não ha em Portugal ninguem que estranhe esta designação.

Fogueteiro.—O povinho tem-se distrahido das suas magoas exacerbadas pela tyrannia do escrivão da fazenda, dando vivas e foguetes em regosijo da queda do ministerio.

Pobre povo! que esperas tu d'um novo ministerio liberal? que te não opprima de tributos, e impostos como os outros? Olha que o peor de todos é sempre o que ha de vir. No entanto, se te livrarem d'algumas pragas que te esfolavam como a fera, e se um código monstruoso que nos deixou o esbanjador ministerio cahido for annullado, então dá alguns vivas á clemencia dos que te aliviaram d'um pesadissimo tributo. Mas espera um pouco, porque as traças do liberalismo a respeito de tributos são sempre temiveis. Se o código cahir, o tributo de certo apparecerá n'outra parte. Se o tirarem do código Administrativo passal-o-hão para o «Diario». Cautela; não te esfalfes de balde.

O Progresso Catholico.—Recebemos o n.º 15 d'esta magnifica revista, dirigida pelo snr. padre Senna Freitas. Eis o seu summario:

O «Jornal do Commercio» de Lisboa, o seu satellite portuense a «Lucta», e a *Crítica á Crítica*, pelo padre Senna Freitas—Secção religiosa: Vinte e cinco por cento! Aos cem disparates dos protestantes vinte e cinco respostas sem replica por um que leu a Biblia, pelo padre Rademacker—O mez de Maria, pelo padre Francisco dos Santos e Cunha—Secção litteraria: Atravez dos jornaes, por um vimaranense—A escola classica, a pintura e a litteratura em Hespanha, pelo padre F. Sanches—Secção polemica: Carta á redacção, por Francisco Martins—Os nossos bispos na camara dos pares: Discurso de s. exc.ª revm.ª o snr. bispo de Bragança e Miranda, na sessão de 9 de maio—Edições de propaganda catholica: Carta ácerca do Liberalismo desmascarado dirigida á «Religião e Patria», por S. da Costa Vieira Leite—Retrospecto da quinzena, por J. de Freitas.

Fallecimento.—Falleceu ante-hontem o revd.º Aurelio Candido Ferreira Macedo d'Aguiar.

Era diacono e preparava-se para receber a sagrada Ordem de Presbytero nas proximas temporas de setembro.

Era um joven de comportamento exemplarissimo e muito estimado de todos os seus condiscipulos, que lhe consagravam a mais sincera estima.

Pertencia a uma nobilissima familia, de Gondifellos, concelho de Famalicão, e que hoje pranteia consternada a morte do mallogrado joven. A ella os nossos sentidos pezames.

—Com este são já tres os ordinados que a morte tem roubado este anno aos carinhos da familia e ás esperanças da Igreja, n'esta archidiocese.

Resta ao menos uma grande consolação, e é que todos, depois de provados por lenta e demorada enfermidade, tiveram a morte dos justos.

Outro.—Tambem falleceu na tarde de segunda-feira o snr. Germano Joaquim Barreto, o mais antigo dos livreiros d'esta cidade.

Outro.—Tambem falleceu n'esta cidade o snr. Manoel José d'Araujo, que foi capitão no exercito do Senhor D. Miguel.

Era um cavalheiro honradissimo e muito bemquisto.

E' boal!—O revd.º sr. prior da Ribeira Grande, da Ilha de S. Miguel, (Ponta Delgada), recebe durante largo espaço de tempo esta folha, collecciona os numeros recebidos, e em dous massos devolve-os a esta redacção.

Valha-o Deus, revd.º prior! Esperavamos, porque tinhamos direito a isso, que sua revd.ª cumprisse melhor o seu dever, e, sobretudo, fosse mais delicado.

Não lhe parece justa esta nossa observação?

Maravilhas da criação.—Recebemos e agradecemos os fasciculos 8 e 9 das *Maravilhas da criação*, obra importante de que é auctor o snr. PEDRO M. POSSER.

Transferencias.—Consta que o secretario geral d'este districto, o snr. Marques Murta, vae ser transferido para Angra do Heroismo.

Diz tambem um collega que o snr. director do correio vae ser transferido para a Guarda, o da Guarda para Valença, e o de Valença para esta cidade.

Exames finais.—Um grande numero d'estudantes dirigiram-se ha dias ao snr. governador civil d'este districto, pedindo para que s. exc.ª se empenhe perante o governo afim de que sejam feitos no lyceu d'esta cidade os exames de admissão aos cursos superiores.

Festas do S. João.—Dizem-nos que serão esplendidas, mais que em anno nenhum, as proximas festas do S. João n'esta cidade.

O peor é se o tempo não muda de carranca.

Hospedes.—Estão n'esta cidade os snrs. dr. Custodio de Sousa, Guilherme Northon, dr. Diogo Annes de Magalhães Villas-Boas, e Manoel José dos Santos.

Historia de Portugal.—Recebemos o fasciculo n.º 24 da *Historia de Portugal*, editorada pela Empreza Litteraria de Lisboa.

Agradecemos.

Tempo.—Tem continuado muito inclemente. Chuvadas continuas, ventanias e tambem bastante frio. Ninguem diria que estamos quasi no meado de junho.

Os nossos lavradores, comquanto não desanimados, não andam muito contentes.

Preço dos cereaes.—Na terça-feira ultima, nesta cidade, o preço dos cereaes foi:

Trigo	780
Centeio	510
Cevada	560
Milho alvo	600
Milho branco	530
Milho amarello	500
Painço	500
Feijão vermelho	800
» branco	780
» amarello	560
» rajado	480
» fradinho	420
Batatas	560
Azeite (almude)	6\$000

Atravez da provincia.—Falleceu em Ponte do Lima a snr.ª D. Joaquina Rosa da Purificação, freira professa da ordem franciscana, com 74 annos de idade. Era pensionista do Estado e muito considerada por sua vida austera e distinctas qualidades.

—No dia 2 do corrente, verificou-se, como estava annunciada a inauguração da parte do caminho de ferro do Minho comprehendida entre S. Pedro e Segadães, 2 kilometros de Valença.

—O preço dos generos no mercado de Ponte do Lima, na ultima semana finda no dia 31, foi o seguinte:

Trigo 850—Milho amarello 500—Milho branco 520—Centeio 530—Feijão branco 930—Dito vermelho 700—Dito rajado 700—Dito fradinho 640—Batata 530—O azeite, por almude, ou 23,400, esteve a 5\$800 reis—e o vinho verde regulou por 2\$400 a 3\$000 reis.

—Falleceu na sua casa de Christello, concelho de Valença, a sur.ª D. Maria Carolina d'Abreu.

—Vae ser organizado em Amares, um centro eleitoral progressista.

—Falleceu o revd.º Luiz Caetano Ribeiro, abade da freguezia de Venade, concelho de Caminha.

—O snr. José Luiz Novaes, negociante estabelecido na cidade do Porto, offereceu para melhoramentos da igreja da freguezia de Ganfey, do concelho de Valença d'onde é natural, a quantia de 100\$000 reis.

—Já foram para o Porto os productos enviados de Vianna do Castello para a exposição do Rio de Janeiro. Os mais

importantes d'alli remettidos foram: — Moveis de madeira fina, primorosamente trabalhados, expostos pelo snr. Albano da Graça Pires Franco, como amostra dos productos de sua acreditada officina a vapor, de mercearia; Amostras de vinhos dos snrs. João Affonso de Espargueira, Antonio Fernando de Moraes, Manoel Martins Farinhoto, Bento Domingos dos Santos, José de Sequeira Pinto de Queiroz, e José Ricardo de Moraes; Cereaes, forragens, legumes e varios vegetaes apresentados por G. de S. Pinto de Queiroz; Calçado fino e grosso de João da Costa Leite, e Miguel Manoel da Silva; Collecção de 67 amostras de renda, industria d'esta cidade, apresentadas pela snr.^a D. Thereza de Passos Saccadura; Collecção de 53 amostras, igualmente de renda, de Manoel José Machado; Desenhos do snr. Manoel J. Machado e lytographias e aguarellas do snr. Antonio Joaquim Alves.

—Na freguezia de Outeiro, concelho de Vianna, houve ha dias uma apprehensão de objectos subtrahidos aos direitos da alfandega, de bastante importancia.

—Appareceu na praia, na freguezia de Areosa, o cadaver de um rapaz alienado, da mesma freguezia. Suppõe-se que o infeliz, em consequencia do desarranjo das suas faculdades mentaes, se precipitara no mar, onde morreu offogado.

Nova insurreição em Cuba.—O jornal official de Cuba diz que alli reventára uma nova insurreição. Um partido de duzentos cubanos tomou as armas contra o governo hespanhol no departamento oriental da ilha, sob o commando do coronel Carlos Mellina, um dos chefes mais energicos da ultima insurreição.

Tres numerosas plantações de cannas foram incendiadas, e avalia-se em cem milhões as perdas occasionadas por este chefe.

O general hespanhol Daban perseguiu immediatamente os insurgentes em marchas forçadas.

Os nihilistas.—As ultimas noticias de S. Petersburgo assignalam novos attentados da parte dos nihilistas.

A policia russa apprehendeu em Kieff muitas caixas contendo bombas Orsini, um grande numero de revolvers e uma collecção variada de venenos.

A «Gazette de la Croix» conta que um official que precedia ha alguns dias o czarewitch na estrada de Peterkoff a Petersburgo descobriu de repente uma barricada levantada á pressa, e correu a informar a policia.

Foram presos dous individuos.

A lei da amnistia.—Diz a «France Nouvelle»:

Hoje, 5 de junho, á meia noite expira a acção da lei da amnistia.

O grande amnistiador não perdeu o seu tempo.

De 5 d'abril até hoje promulgou onze decretos em virtude da referida lei, os quaes concederam 2,851 perdões com amnistia. Diz-se que deve apparecer um ultimo decreto para terminar a applicação da lei.

Dos 2,851 perdões, cerca de 2,000 são em favor de condemnados por contumacia; o resto applica-se a condemnados que expiavam penas.

E dizer que os radicaes ainda não estão contentes!

Concursos ecclesiasticos.—Foi mandado abrir concurso por provas publicas para provimento das seguintes egrejas todas do bispado de Beja:

S. Bernabé e Santa Suzana, concelho de Almodovar.

S. Bartholomeu da Serra, S. Thiago de Cacem.

Nossa Senhora do Rosário, Almodovar.

S. João Baptista de Casevel, Castro Verde.

Nossa Senhora da Assumpção de Oriolhas, Portel.

Santa Margarida de Sadão, Ferreira.

Santo André, S. Thiago de Cacem.

Santa Luiza de Garrão, e Santa Catharina do Valle, Odemira e S. Jorge de Villa Verde de Ficalho, Serpa.

Barão de Castello de Paiva.—

Consta a um collega do Porto que por telegramma recebido da Madeira, falleceu dia 4, na cidade do Funchal, o snr. barão de Castello de Paiva, nomeando seus testamenteiros os snrs. duque d'Avila, Henrique de Barros Gomes, e o seu correspondente e particular amigo, snr. João Pires da Silva.

O barão de Castello de Paiva, Antonio da Costa Paiva, nascera a 12 de ou-

tubro de 1806. Era lente da Academia Polytechnica da cidade do Porto, vogal do conselho geral do commercio e agricultura, socio da Academia das Sciencias e das Academias de Medicina e Cirurgia de Marselha, Tolosa e Montpellier, e de outras corporações litterarias e scientificas, doutor em medicina e bacharel em philosophia. Tinha varias condecorações. Era homem respeitado pelo seu saber e pelas suas qualidades. Eminentemente caritativo, havia muito que elle mandara distribuir, impressa, e de que em tempo deram conta os jornaes, uma nota da sua vida e do seu testamento, em que dividia o melhor dos seus bens pelos estabelecimentos pios.

Frades typographos.—Do «Conimbricense» transcrevemos o seguinte:

Ha uma coincidência notavel entre a introdução da arte typographica n'esta cidade de Coimbra, e a introdução da mesma arte em Bruxellas, na Belgica.

Em ambas as cidades foi a iniciativa devida aos frades; sendo em Coimbra os conegos regantes de Santo Agostinho, e em Bruxellas os frades chamados da vida commun, que seguiam tambem a regra d'aquelle santo.

A primeira imprensa em Coimbra foi estabelecida no mosteiro de Santa Cruz em 1530, vindo de Lisboa para esse fim, convidado pelos conegos regantes, o impressor German Galnarde.

E não se limitaram a isto os religiosos d'aquelle mosteiro; mas depois de terem aprendido com o referido impressor elles mesmos imprimiam os livros, de que é documento, entre outros, o *Livro das constituições e costumes que se guardam em o mosteiro de Santa Cruz dos Conegos regantes da Ordem do Nosso Padre Santo Agostinho*, onde se declara que foi impresso em 1532 pelos conegos do dito mosteiro Estevão e Manoel.

Se isto acontecia em Coimbra, já facto identico se tinha dado em Bruxellas, meio seculo antes.

Em 1476 imprimiram os frades da vida commun o primeiro livro publicado pela typographia em Bruxellas, o qual tinha por titulo—*Arnoldi Geilhoven, seu de Rotterdamis, Gnotosolitos, sive speculum conscientiarum*.

Esta obra de moral tinha sido composta por Arnoldo de Rotterdam, doutor em decretaes, e professo no mosteiro de Valle Verde, ou Groenendael, ordem dos conegos regantes de Santo Agostinho, na floresta de Soigne.

Nos annos seguintes continuaram os frades da vida commun a imprimir em Bruxellas outros livros.

Estes frades, antes de terem introduzido a typographia n'aquella cidade, occupavam-se em cumprimento de um dos pontos principaes do seu instituto, na calligraphia.

Depois das horas destinadas á oração e aos outros exercicios da sua congregação religiosa, era-lhes prescripto pela sua regra o copiar a escriptura sagrada, as obras dos santos padres, dos moralistas e dos asceticos, e de as conferir pelos antigos originaes. Vendiam em seguida os livros que copiavam, e depositavam o producto na bolsa commun para seu sustento.

Além da cópia dos manuscritos era outra obrigação do seu instituto a educação publica; pelo que se vê a utilidade que lhes provinha da nova arte typographica, para multiplicar os seus conhecimentos, e para poupar um tempo precioso, que lhes roubava a enfadonha calligraphia.

Nos Celestinos de Paris havia um exemplar dos canones de Graciano, manuscrito, no qual o individuo que o copiou poz a nota de que lhe levou esse trabalho 21 mezes. Segundo esta confissão seriam precisos 1:750 annos a 3 homens para fornecer 3:000 exemplares; em lugar de que, pelo meio da imprensa, mesmo antes dos processos modernos e da applicação do vapor ao movimento dos prelos, podiam ser acabados pelo mesmo numero de homens em menos de um anno.

E advirta-se que não foi só em Bruxellas que usaram da arte typographica os frades da vida commun; porque os da mesma ordem religiosa do convento de Valle e de Santa Maria, no Ringkau, diocese de Moguncia, imprimiram em 1474 o psalterio e o breviario, segundo o uso d'aquella diocese; os de Rostock, cidade da baixa Saxonia, no ducado de Mecklemburgo, imprimiram na sua casa do Jardim Verde de S. Miguel, em 1476, as obras de Lactancio, em folio; e os mesmos imprimiram em 1481, tambem em

folio, uma edição de B. Bernardi sermones super cantica canticorum.

E' provavel que os frades da vida commun de Bruxellas tivessem aprendido a arte typographica na universidade de Louvain, onde João de Westphalia havia estabelecido a imprensa em 1474; ou em Colonia, onde elles tinham uma casa da sua ordem.

Registamos, portanto, com o merecido louvor, o facto de serem os conegos regantes de Santa Cruz de Coimbra, que introduziram n'esta cidade a typographia; assim como de serem os frades da vida commun que a introduziram em Bruxellas; além de outras localidades em que usaram da mesma arte.

Oriente.—E' do Monde o seguinte artigo:

O que é que se passa na Roumelia Oriental?

As noticias são contradictorias, segundo vêem de Philippopoli ou de Constantinopla. Pelas primeiras, as unicas boas, diz o Nord, tudo está do melhor modo n'esta provincia, que offerece o agradável espectáculo d'um completo apasiguamento; pelas segundas, os conflictos succedem aos conflictos e receiam-se muito graves complicações.

Ora tudo o que nos é permittido affirmar com conhecimento de causa, é que ao sul dos Balkans a auctoridade do sultão Abdul-Hamid é absolutamente illusoria.

Recordemos alguns factos cuja evidencia se impõe, por assim dizer, aos espiritos mais prevenidos.

Combinara-se em Stambul que Aleko-Pachá levaria o fez, e logo á sua installação elle se jarreteou com o kalpak bulgaro.

O estandarte ottomano devia ser içado durante a cerimonia, e affirma-se que estas cores brilharam alli pela ausencia.

A leitura da proclamação do Padischah devia ser sandada por fogos da milicia bulgara, e, chegado o momento, este signal de respeito foi ommittido.

Emfim, parecia natural que o governador geral compozesse o seu conselho com pessoas das diversas nacionalidades da provincia, e elle teve o cuidado d'excluir os turcos e os gregos e de não admittir n'elle senão alguns bulgaros.

Admittindo mesmo que o tratado de Berlim não tivesse outro objecto do que o de manter uma apparencia de soberania ottomana alli, onde a Porta cessava de ter uma acção directa, somos obrigados a reconhecer que mesmo nem attingiu tal fim.

Ainda não passou um anno desde o dia 13 de julho de 1878, o dia em que os representantes das grandes potencias assignaram a edição correcta do tratado de S. Stefano, e já Philippopoli parece tão independente de Constantinopla como Bucharest em seguida á guerra da Cri-meia.

Mas porque é que os acontecimentos marcharam com tal celeridade?

Em primeiro lugar é preciso render-lhe certa justiça, o tratado de Berlim dá os resultados que fatalmente devia dar; depois, quem é testemunha da paciencia, da resignação do gabinete de S. James, vem a persuadir-se que, por ter quasi carta branca no Afghanistan, a Inglaterra deixou os russos senhores de regular á sua vontade os destinos da peninsula de Thracia.

Não se saiu pois da politica dos compromissos, da hypocrisia, da laxidão e por tanto da politica que traz consigo a ruina dos grandes Estados.

Contra lombrias.—Recommendamos attenção ao reclamo sobre os biscoitos vermifugos que vae na secção competente. Vendem-se na pharmacia Ferreira & Irmão, rua da Banharia, Porto, em caixas de 120 rs.

ULTIMAS NOTICIAS

Lisboa 9—Chegou o snr. Serpa Pinto. Foram a bordo os ministros da fazenda e da marinha, presidente e secretarios da Sociedade de Geographia, secretario da commissão permanente da mesma sociedade, presidentes das associações commerciaes de Lisboa e Angola, commandante geral da armada, etc.

O snr. Serpa Pinto foi hospedado no hotel Central.

Idem 10—Na Bolsa venderam-se: 7 obrigações prediaes a 91\$000 reis; 10 ditas do caminho de ferro do Minho de coupons a 87\$300; 27 contos em inscrições a 49,80.

A alfandega rendeu hoje 7:895\$904 rs.

Paris 8—Um telegramma de Constantinopla, publicado pelo «Temps», noticia a revolta de uma tribu perto de Batua, onde chegaram tropas, mas soffrendo muito na marcha.

Um despacho particular diz que falla em Berlim da proxima abdicção do imperador Guilherme.

Londres 8—Dizem do Cabo da Boa Esperança em 20 de maio de Cestywayo quer porpor negociacões, mas os inglezes recusam exigindo submissão incondicional.

Paris 7—O czar partiu hontem de Livadia, regressando a S. Petersburgo. Solowieff, o auctor do attentado contra o imperador, foi condemnado a morte na forca.

Londres 7—Dizem ao «Standard» que augmenta a agitação em Novi-bazar. N'um conflicto que houve entre turcos e arnautas, perto de Ipek, foram mortos 60 arnautas.

Noticiam de S. Thiago do Chili, em 6 de junho, que os corsarios bolivianos foram auctorizados a apressar, mesmo de baixo de bandeira neutra, as mercadorias do inimigo, ainda as que não sejam consideradas contra-bando de guerra.

Londres 9—Dizem de Constantinopla ao «Standard» que foram presos varios altos personagens.

Está imminente uma insurreição em Silvano, se não fór exonerado o governador Pusten-pachá.

Catanea 9—A população está incendiada; as auctoridades municipaes de Catanea, 4 soldados e varios cidadãos foram mortos. Acudiram tropas; é desolador o estado dos campos.

Paris 10—E' inexacto que a Allemanha tencione propor a intervenção das potencias no conflicto da America do sul. A Allemanha pedirá ao Perú explicações acerca do apresamento d'um navio allemão no porto de Callao.

Noticias de S. Petersburgo dizem que se procura cuidadosamente descobrir o mysterio d'uma supposta tentativa de assassinio contra o czarwiche.

S. Petersburgo 9—Solowieff foi executado esta manhã.

Constantinopla 9—O consul russo em Seravejo recusou pedir exaatur. O consul austriaco allegando que a Bosnia faz parte do imperio allemão insiste em que a Porta envie tropas á Macedonia e a Roumelia.

CORREIO

Arcos.—Snr. J. B. da Costa Lobo Bandeira. Foi recebido e agradecemos.

Amarante.—Rev.m.^o snr. padre Rodrigo Augusto de Pinho. Muitos agradecimentos por tanto zelo e actividade.

Povo de Lanhoso.—Rev.m.^o snr. padre João Mathens de Faria. Agradecemos a fineza; enviamos os recibos.

Mirandella.—Rev.m.^o snr. fr. Fernando do Amor Divino Correia da Silva. Recebemos. Rectificaremos, como pretende.

Celorico de Basto.—Snr. Manoel Osorio d'Aragão. Daremos a devida direcção.

Moncorvo.—Rev.m.^o snr. padre Antonio Manoel da Silva. Agradecendo tao distincto obsequio, enviamos os recibos.

Evora.—Rev.m.^o snr. padre Jacintho José Marques de Resende. Na terça-feira da semana finda não houve jornal em virtude da romaria do Espirito Santo.

Fafe.—Rev.m.^o snr. padre Francisco Gonçalves Rodrigues. Ficamos sciente.

BANCO DO MINHO

Resumo do Activo e Passivo em 31 de Maio de 1879.

Activo

Caixa: existencia em metal. 77:268\$940
Agencias no paiz . . . 115:641\$990
Acções de c. propria . . 64:800\$000

Papeis de credito

Fundos publicos, nacionaes e estrangeiros. . . 110:270\$509
Acções de Bancos. . . 47:921\$940
Hypotheas de raiz . . 140:833\$434
Emprestimo sobre penhores . 8:162\$800
Emprestimos a Camaras Municipaes e á Junta Geral . 143:400\$870
Letras descontadas . . 181:261\$027
Letras a receber . . . 29:633\$228
Letras em liquidacão. . . 56:565\$427

Agencias no estrangeiro.	53:323\$992
Contas correntes garantidas.	532:405\$583
Diversos devedores.	123:030\$740
Contas em liquidacao.	38:694\$163
Saques e remessas de n. c.	4:640\$105
Caução da gerencia.	12:000\$000
Efeitos depositados.	88:625\$560
Mobilia.	1:853\$625
Edificio do Banco.	35000\$000
	1.865:335\$933

Passivo

Capital	600:000\$000
Fundo de reserva.	160:000\$000
Reserva para decima.	4:500\$000
Notas em circulacao.	325\$000
Depositantes á ordem.	195 910\$541
Depositos a prazo.	662:058\$614
Diversos credores.	110:283\$961
Saques e remessas das agencias.	7:404\$987
Dividendos a pagar.	1:163\$444
Gerencia do Banco.	12:000\$000
Credores d'effeitos depositad.	88:625\$560
Letras a pagar.	1:513\$050
Ganhos e perdas.	21:550\$770
	1.865:335\$933

Braga, 6 de Junho de 1879.

Pelo Banco do Minho

OS GERENTES.

Antonio José Gonçalves Braga.
João Marques da Silva.
Domingos José Soares.

(2451)

Resumo do activo e passivo do Banco Commercial, Agrícola e Industrial de Villa Real, em 31 de maio de 1879.

Activo

Caixa, dinheiro existente.	8:330\$196
Letras descontadas e a receber.	642:047\$588
Letras caucionadas com hypotheca sobre bens de raiz.	66:004\$000
Letras em liquidacao.	6:608\$472
Letras protestadas.	5:321\$500
Letras em execucao.	8:844\$310
Titulos e obrigações a receber	6:414\$423

Emprestimos sobre penhores:

De acções deste Banco.	3:705\$000
De diversos objectos d'ouro e prata.	100\$000
De vinhos.	500\$000
Operações a longo prazo com hypotheca sobre bens de raiz.	13:101\$949
Acções de conta propria em numero de 325.	15:570\$000

Contas correntes com garantia

De acções deste Banco.	3:450\$000
De letras e cartas de credito	6:364\$695
De vinhos.	700\$000
Agentes no paiz, dinheiro e letras a cobrar.	72:565\$865
Agentes no estrangeiro.	7:196\$857
Diversos devedores.	9:513\$505
Moveis e utensilios.	610\$400
Despezas de installação.	1:350\$000

878:298\$760

Passivo

Capital do Banco.	800:000\$000
Deposito á ordem.	10:720\$178
Deposito a prazo.	13:397\$235
Dividendos a pagar.	1:690\$200
Fundo de reserva.	11:820\$000
Quantia destinada para o imposto industrial.	5:200\$000
Reserva para prejuizos eventuaes.	8:000\$000
Ganhos e perdas.	27:471\$147
	878:298\$760

Villa Real, 3 de junho de 1879.

Os gerentes,

Joaquim José d'Oliveira Guimarães.
Francisco Ferreira da Costa Agarez.

RECLAMOS

BISCOUTOS VERMIFUGOS

Quando as mães extremosas por seus filhos os virem soffrer os incommodos effeitos das lombrigas, aconselhamos de recorrerem a estes biscoitos á venda na pharmacia do sr. Ferreira & Irmão, á Banharia, Porto.

Duas creanças de 5 annos, filhas, uma de José Rodrigues Pinto, outra de Libano José d'Almeida, rua da Lapa n.º 15, expelliram com os ditos biscoitos uma 40 lombrigas de grande tamanho, outra uma quantidade admiravel d'ellas, pequenas e grandes.

Uma revolução em medicina.

O professor Hardy fazia ha alguns mezes notar, com muitissima razão, em uma de suas clinicas do hospital da Caridade, de Paris, á qual eu assistia, que as preparações ferruginosas liquidas são que melhor o estomago supporta.

Reune portanto o Ferro Bravais (ferro liquido em gottas concentradas) tanto para o medico como para o enfermo, quantas qualidades se podem desejar de baixo do ponto de vista da administração, posto que não communica nem cheiro, nem tão pouco sabor algum ao liquido no qual se toma (agua, vinho, etc.) em dozes de 15 a 20 gottas antes de cada comida.

Emquanto á sua efficacia, é incontestavel; os numerosos testemunhos dos mais eminentes medicos contidos no folheto sobre a anemia e seu tratamento o justificam irrecusavelmente.

(Este folheto envia-se gratis a quem o pedir ao deposito geral, rua Lafayette, 13, Paris).

Os resultados que se obteem sobre a saude geral, ao cabo d'alguns dias de tratamento, são verdadeiramente surprehendedentes e cada qual pode fazer d'isso a agradável e barata experiencia.

«Quem não é alguma cousa anemico?...»

Doutor PAULO LABARTHE.

(Copiado do Evénement, de Paris).

AGRADECIMENTOS

Gratos do mais intimo de nossa alma para com todas as pessoas que tanto e tanto nos obsequiaram, comprimentando-nos e offerecendo os seus valiosos serviços por occasião do fallecimento e enterro do nosso sempre lembrado e queridoissimo esposo, e desvelado socio, o illustrissimo senhor Joaquim Antonio Pereira, vimos cumprir por este meio o dever de lhes patentearmos um testemunho do profundo e inolvidavel reconhecimento em que as mesmas por tão doloroso motivo nos constituíram. Pedimos desculpa de não o fazermos pessoalmente, como tanto do coração desejavamos.

Braga, 7 de junho de 1879.

Joanna de Macedo

Joaquim Fortunato Correia Velloso.
(2449)

Anna Joaquina da Silva Carneiro e Pereira e seus filhos não podendo esquecer as finezas de subidissimo apreço que receberam com uma generosidade inexcusavel do exm.º snr. dr. medico Antonio Maria Pinheiro Torres, e do illm.º e revm.º snr. padre Luiz Gomes, durante a enfermidade e ultimos momentos de seu muito chorado esposo e pae, significam por este meio a sua eterna gratidão para com os referidos exm.ºs snrs., almas bem formadas e elevadas que honram esta terra.

(2448)

Profundamente reconhecidos aos membros da illustre classe academica d'esta cidade, e mais pessoas que tanto nos penhoraram por occasião do fallecimento do

nosso estremecido filho e irmão, Aurelio Candido Ferreira Macedo d'Aguiar, por este meio lhes patentearmos o signal da nossa gratidão, na impossibilidade de o fazermos pessoalmente.

Maria José d'Aguiar Pimenta Carneiro
Miquelina Rosalina Ferreira Macedo Aguiar
Mecia dos Prazeres Ferreira Macedo Aguiar
Carlota Candida Ferreira Macedo Aguiar
Anna Carolina Ferreira Macedo Aguiar
Antonio Emilio Ferreira Macedo Aguiar
José Ferreira Macedo Aguiar
Joaquim Bernardino Ferreira Macedo Aguiar
Fernando Leonel Ferreira Macedo Aguiar.
(2453)

ANNUNCIOS

AREMATAÇÃO

A Meza da Santa Casa da Misericordia d'esta cidade faz publico, que até o dia 20 do corrente, recebe propostas em carta fechada para o fornecimento de pão trigo e de mistura e de carne de boi para os doentes do Hospital de S. Marcos, assim como de cera para as festividades e serviço quotidiano das capellas d'esta Irmandade e do mesmo Hospital.

As condições d'estes fornecimentos acham-se patentes na secretaria do Hospital todos os dias não sanctificados, desde as 2 horas até ás 7 da tarde.

Braga e Santa Casa da Misericordia 8 de junho de 1879

O escrivão

Lourenço da Costa Gonçalves Pereira Bernardes.
(2452)

VENDA DE CASA

Vende-se a casa n.º 3.º na rua de Santo André; para vêr e tratar fallem na mesma, desde o meio dia até ás 6 horas da tarde.
(2454)



Linimento BOYER-MICHEL para cavallos, fazendo as vezes de fogo e não deixando vestigios do seu emprego MICHEL, pharmaceutico em Aix (na Provença) França. — Preço 1,000 reis. — Em Lisboa, o snr. Barreto, Loreto, n.º 28—30. (25)

Caixa Penhorista Bracarense

O proprietario da Caixa Penhorista Bracarense, das Travessas, faz leilão na rua Nova de diversos penhores em atraso de juros que não teem pago, conforme o regulamento da mesma caixa. No dia 10 do corrente, terça-feira, quarta, quinta, sexta e sabbado podem os mutuarios vir pagar os juros ou resgatar até o dia do leilão.

ATENÇÃO

Arrenda-se desde já na rua do Anjo n.º 20, a casa que foi do capitão Carvalho; tem commodos para numerosa familia. Trata-se na rua de S. Lazaro, n.º 4.
(2450)

Quem achasse uma carteira com letras e dinheiro em ouro e prata, perdida no dia 5 do corrente desde a rua de S. João até á igreja de Maximinos, e a queira restituir a seu dono, póde fazel-o na rua Nova n.º 52.
(2446)

Fabrica de papel de Ruães

Papel de impressão e de embrulhos de diferentes marcas e preços.

DEPOSITO EM BRAGA

Tabacaria Bracarense

—27, Rua do Souto 27—

(2340)

VENDE-SE a casa da rua do Anjo n.º 11 e 11 A. Quem a pretenter dirija-se á rua de D. Pedor V n.º 1.
(2423)

MOURA

BRAGA

RUA DES. MARCOS, N.º 5.

Vende papeis pintados para guarnecer sallas, lindissimos gostos, a principio em 80 reis a peça.

Vende olio, tintas e vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e preços muito resumidos.

Vende cimento romano para vedar aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade.

Fabrica a vapor de fundição ferro e metaes

Travessa de S. João—Braga.

N'esta fabrica, unica na provincia do Minho, fabrica-se toda a qualidade de obra, tanto de ferro como de metal. O proprietario da mesma não se tem poupado a sacrificios para poder elevar este melhoramento de industria á altura de poder competir em tudo com as fabricas de igual genero do Porto e outras localidades, e em parte o tem conseguido, pois que no seu estabelecimento se fazem obras de todos os tamanhos e qualidades pelos preços que possam ser encontrados no Porto.

N'esta fabrica fundem-se peças de pezo de 5:000 kilos e maiores, sendo preciso, achando-se já muitas obras fundidas, como são: buxas para eixos de carruagens, moinhos para moer tintas, pés para mezas de marmore ou de madeira, bancos para jardins, bombas de qualquer pressão até á altura de 200 palmos, grades para sacadas ou jardins, columnas e consolas para lampeões, prendas para copidores, fuzos de novo systema para lagares, ferros para alfaiates e chapelleiros tapetes e ventiladores para soalhos, canos e joelhos para agua, de todas as grossuras, de guinchos de pedreiro de todos os tamanhos. Tambem concerta todas as obras d'este genero principalmente bombas de poços. Preços os do Porto.

O proprietario

Antonio Germano Ferreirinha.

BILHETES DE VISITA

COM NITIDEZ E PERFEIÇÃO

100 por minuto a 500 rs.

Enviam-se pelo correio, francos de porte sem augmento de preço.

APPARICIO & MALHEIRO

27, Praça do Barão de S. Martinho, 27.

Bilhetes de visita em branco:

Cento, 200, 220 e 240 reis.

Tarjados de preto:

Cento, 400, 420 e 440 rs.

27, Praça do Barão de S. Martinho, 27

LIVROS DE MISSA

Com capas de marfim, Ebano, madreperola, massa e veludo.

27, Praça do Barão de S. Martinho, 27

APPARICIO & MALHEIRO

BRAGA

RESPONSÁVEL—Luiz Baptista da Silva

BRAGA, TYPOGRAPHIA LUSITANA—1879